

## Alguns Voos em *O último voo do Flamingo*

**Letícia Pereira de Andrade**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

E-mail: [leticia@uems.br](mailto:leticia@uems.br)

**RESUMO:** O texto tem como objetivo analisar o romance em português *O último voo do flamingo*, do autor moçambicano Mia Couto (António Emílio Leite Couto), publicado em 2005 pela Companhia das Letras, com base nas teorias da narrativa na contemporaneidade. De posse dos pressupostos teóricos de Genette, Candido, Belon e Secco, far-se-ão alguns vãos sobre os elementos extratextuais da narrativa *O último voo do flamingo*, sobre o contexto histórico e a estrutura desta narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** *O último voo do flamingo*; narrativa contemporânea.

**ABSTRACT:** The text has as objective analyzes the romance in Portuguese *O último voo do flamingo*, of the author Mia Couto (António Emílio Leite Couto), published in 2005 by the *Companhia das Letras*, with base in the theories of the narrative contemporary. With base in the theoretical presuppositions of Genette, Cândido, Belon and Secco, will be made some flights on the elements *extratextuais* of the narrative *O último voo do flamingo*, on the historical context and the structure of this narrative.

**KEYWORD:** *O último voo do flamingo*; contemporary narrative.

## INTRODUÇÃO

É uma verdade que, na análise de uma narrativa, não se pode despir o artefato literário de sua conexão com o extratextual e o momento histórico<sup>1</sup>.

Para os elementos extratextuais (aspecto gráfico, notas, interstícios do texto) que se encontram anexados ao texto, Gerard Genette denomina “paratexto”<sup>2</sup>. Segundo o autor, a função geral do “paratexto”, entendida como a de apresentar a obra ao mundo, é assegurar “a recepção e o consumo sob a forma de um livro”.

Ao se falar em livros contemporâneos, fica fácil de assim enxergamos o texto literário inserido na sociedade, pois, como diz Belon, as obras contemporâneas chegam até nós trazendo consigo os sinais indelévels de um tempo que é o nosso. Conclui o autor, “a leitura de um contemporâneo oferece sempre alguma surpresa sobre o tempo em que vivem a obra e o leitor”<sup>3</sup>.

Isso não quer dizer que o contemporâneo não pronuncia algo já sabido desde sempre. Mas a forma como ele diz esse já pronunciado pode ser uma surpresa, como veremos no nosso voo aos elementos estruturais dessa narrativa. Como “novidade e surpresa andam juntas”<sup>4</sup>, o contemporâneo surpreende o leitor exatamente pela novidade de expressão. E por conta dessa novidade “provoca uma nuvem de discursos críticos sobre si”<sup>5</sup>.

De posse desses pressupostos teóricos, faremos alguns voos sobre os elementos extratextuais da narrativa contemporânea *O último voo do flamingo*, sobre o contexto histórico moçambicano e sobre alguns elementos estruturais desta narrativa .

---

1 CANDIDO, 2002.

2 GENETTE apud PERPÉTUA, 2000, p. 20.

3 BELON, 2005, p. 8.

4 PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 171.

## 1. Vôo aos elementos extratextuais

O *último voo do flamingo*, publicado originalmente pela Editora Caminho (Lisboa - Portugal), em 2000, é o quarto romance de Mia Couto. Foi lançado quando Moçambique comemorava 25 anos de independência de Portugal. No Brasil, este romance foi publicado, em 2005, pela Companhia das Letras.

Veremos a seguir os cuidados editoriais na apresentação de *O último voo do flamingo*, ou seja, como essa editora brasileira se utilizou dos elementos extratextuais (paratextuais), sejam verbais ou icônicos, para anunciar o texto ao mundo, para orientar a leitura do livro.



Na capa consta o nome do autor, o título, uma estátua e a foto de uma suposta cidade provinciana de Moçambique, em aparência de pôr-do-sol, pois o pano de fundo está alaranjado.

Essa cor laranja, a meio caminho entre o amarelo e o vermelho, simboliza, de acordo com o *Dicionário de Símbolos*<sup>6</sup>, o ponto de equilíbrio entre o espírito e a libido, entre o que é divino e o que é carnal. Corroborando essa idéia, tem-se a estátua: um vulto de um pássaro enorme, uma espécie de intermediário entre a terra e o céu. A capa sugere assim uma narrativa fantástica que busca o equilíbrio entre terra e céu, como disse o próprio autor: “é na margem desses mundos que tento a ilusão de uma costura”<sup>7</sup>.

Na quarta capa tem-se uma rápida apresentação a qual confirma que *O último voo do flamingo* é uma narrativa fantástica, acrescentando ainda: poética, intrigante, bem humorada e de grande força humana usando a voz própria de uma África, cuja metáfora é a própria realidade: “Depois da guerra de Independência e dos anos de guerrilha, Moçambique vive um momento de reestruturação social”. Diante do exposto na quarta capa, esperamos encontrar nessa narrativa o registro realista do pós-guerra. Porém, na página da apresentação editorial, há uma advertência: “Os personagens e as

5 CALVINO apud BELON, 2006, p. 41.

6 CHEVALIER et al., 2005, p. 27.

7 COUTO, 2005, p. 224.

*situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião*". Essa declaração leva o leitor a entender como Konder o real, tal como é recriado pelo autor, já não é o real do ponto de partida da experiência estética. A passagem do "primeiro real" a um "segundo real" é um processo cujo motor não costuma se deixar reduzir à "pura" busca da verdade<sup>8</sup>, como: onde exatamente se localiza Tizangara no país de Moçambique?

Na orelha do livro, encontramos uma resenha a qual já informa que Tizangara é uma cidade imaginária onde "o real e o fantástico se misturam": "há uma crítica ácida aos semeadores de guerra e da miséria, mas também uma história em que a poesia e esperança dependem da capacidade narrativa de contar a própria história com vozes africanas autênticas".

Por *O último voo do flamingo*, Mia Couto recebeu o prêmio Mário António, da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2001. Na entrega do prêmio, o escritor disse (cujas palavras estão anexadas ao final do livro) que seu romance fala de uma "perversa fabricação de ausência – a falta de uma terra toda inteira, um imenso rapto de esperança praticado pela ganância dos poderosos". Contra esse estado de coisas, resta ao escritor uma posição ética, de posicionar-se contra "a indecência dos que enriquecem à custa de tudo e de todos". Sobre a obra, ainda declarou: "é uma escrita que aspira ganhar sotaques do chão", por isso, encontra-se ainda anexado à obra um glossário. E sobre o misterioso flamingo revelou: "Guardei em minha casa essa pena [do flamingo] e a coloquei por cima do meu computador. Durante os dois anos em que escrevi este romance, aquela pluma me contemplou como se fosse uma fresta do céu por onde desfilavam os pássaros e suas secretas viagens"<sup>9</sup>.

Em fim, percebe-se, a partir dos elementos extratextuais, que Mia Couto é um escritor que traduz para a literatura o universo africano no que ele tem de místico, trágico e hilariante, pois ele é visceralmente moçambicano; mais, africano; mais ainda, contemporâneo. Tudo isso é muito, mas pouco seria se não fosse, fundamentalmente, um escritor profundamente inscrito numa cultura em movimento, com as suas contradições, com uma vontade histórica e pessoal de ser parte dessa cultura. Ou seja,

---

8 KONDER, 2006, p. 63.

9 COUTO, 2005, p. 223-224

Mia Couto é um “escritor realista”, pois, como diz Leandro Konder, “está extremamente atento à dinâmica da sociedade a qual está inserido”<sup>10</sup>.

Como diz Genette, o paratexto de um livro é formado por uma rede de textos que direcionam ideologicamente a leitura da obra<sup>11</sup>. Dessa forma, chamou-nos a atenção o fato de o título, a capa, quarta capa, orelha e anexos (glossário e as próprias palavras do autor), enfim, tudo o que forma o paratexto de *O último voo do flamingo* direcionar para uma leitura não apenas fantástica como também uma leitura “ligada a terra”, atenta as peculiaridades históricas moçambicanas.

## 2. Vôo aos momentos históricos de Moçambique

É importante considerarmos o contexto histórico moçambicano, pois Candido afirma que a obra literária pode oferecer a compreensão da realidade social na qual foi composta, podendo interessar-se, justamente, por “quaisquer condicionamentos”, visto que é constituída de fatores internos e externos<sup>12</sup>.

Em relação ao quadro histórico de Moçambique, lembraremos de cinco fases diferentes, partindo da chegada dos portugueses, o período da “descoberta” do território, o tempo do colonialismo, a guerra colonial, a época do conflito interno FRELIMO/RENAMO e o período pós-guerra a partir do estabelecimento da paz em 1992.

É a chegada da esquadra de Vasco da Gama em Janeiro de 1498, na foz do rio dos Reis, ao longo da primeira viagem por via marítima à Índia, que marca o início da documentação da História de Moçambique. Um fator decisivo na escolha desta parte da costa africana oriental era que Vasco da Gama obteve logo na primeira viagem informações de que perto do rio dos Bons Sinais, na região de Sofala, encontravam-se grandes quantidades de ouro.

Um fator muito importante neste contexto é que, como afirma Patrick Chabal<sup>13</sup>, os portugueses depararam com uma diversidade de grupos étnicos e raciais, com línguas e culturas diferentes, que tinham também relações diferentes uns com os

---

10 KONDER, 2006, p. 63.

11 GENETTE apud PERPÉTUA, 2000, p. 21.

12 CANDIDO, 2002, p. 4.

13 CHABAL apud FARIA, 2005, p. 16.

outros. Ainda não havia uma consciência nacional que se opusesse aos portugueses. Assim a ocupação efetiva do território por Portugal foi facilitada pelos conflitos internos dos diversos povos moçambicanos os quais impossibilitavam a formação de uma aliança anti-portuguesa. Dessa forma, Lisboa conseguiu recrutar um número elevado de colaboradores africanos, aproveitando as lutas históricas entre os diversos grupos moçambicanos. Neste sentido, o papel dos colaboradores, a vantagem técnica e a incapacidade dos africanos em se unir, levaram ao estabelecimento do domínio português em todas as partes do Moçambique, conseqüentemente, ao império colonial.

A consolidação do domínio português a partir do início do século XX sobre o território moçambicano transformou profundamente a vida dos povos moçambicanos. Seguiu-se uma imposição forte do colonizador e a divisão do território em novas unidades administrativas que resultou numa divisão dos distritos em áreas européias (as cidades) e não européias (o campo).

A abolição formal da escravatura não mudou a situação de inferioridade e de exploração na colônia. Permanecia a prática do trabalho forçado, o *chibalo*, que garantia a Portugal a produtividade necessária das colônias. O estado português justificou este procedimento referindo a sua missão civilizadora e justificando como uma colonização necessária dos pretos.

Na obra *O último voo do flamingo*, o velho Sulplício simboliza, além da antiga tradição africana, sobretudo, essa complexidade da história colonial:

– E agora você ainda me traz esse branco.

Dizia conhecer os modos deles, dos brancos. Che gavam com falas doces. Com ele, porém, não valia a pena. Ficaria calado, aquele europeu não entraria em sua alma por via de palavras que ele proferisse. (...)

– Mas senhor Sulplício...

– Não diga o meu nome! Nunca mais!<sup>14</sup>

Percebe-se que a presença de um europeu branco revela uma chaga na consciência de uma nação ex-colonizada: as injustiças cometidas pelo homem branco contra o homem negro ao longo de séculos. No entanto, o velho Sulplício revela ter exercido a posição do fiscal da caça no tempo colonial, colando ao lado do

---

14 COUTO, 2005, p. 133-134.

colonizador, embora consciente sobre o fato de participar numa guerra contra a sua pátria:

(...) Sabia de sua ocupação, antes de eu ter nascido? Pois, durante anos, ele se exerceu como fiscal da caça. Era o tempo colonial, não se brincava. Ele era quase o único preto que detinha um igual lugar. Não fora fácil.

– Sofri racismos, engoli saliva de sapo.

Aprendera na tropa – só se dispara sobre o inimigo quando ele estiver perto. No caso dele, porém, ele estava tão próximo que arriscava disparar sobre ele mesmo. Ou fosse dizer: o inimigo lhe estava dentro. Isso que ele atacava era não um país de fora, mas uma província de si.<sup>15</sup>

A colaboração do velho Sulpício representa aqui toda a complexidade da história colonial. E a afirmação de que o inimigo lhe estava dentro refere explicitamente ao fato que havia autóctones que desempenharam um papel importante no dispositivo colonial.

De acordo com a História moçambicana, a consolidação do domínio português em Moçambique não significou o fim da oposição dos povos africanos contra a opressão e exploração. Em uma tentativa de criar as condições necessárias para poder enfrentar o estado colonial, o presidente Julius Nyerere da Tanzânia, convidou Eduardo Mondlane, funcionário da ONU, a liderar um processo, uma frente contra o regime colonial. Era o nascimento da Frente da Libertação de Moçambique (FRELIMO) liderada por Eduardo Mondlane, doutorado em Antropologia e Sociologia nos Estados Unidos. Em 25 de Setembro de 1964 iniciou a FRELIMO a luta armada com um ataque contra o posto português de Chai na província de Cabo Delgado, surpreendo as autoridades coloniais. Em 1969, o ano do assassinato do primeiro presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, através de uma carta bomba, a FRELIMO evoluiu no sentido de um modelo socialista que dominará neste movimento depois da guerra colonial.

Após vários ataques, o novo governo português estabelece um acordo com a FRELIMO onde ficará decidida a transferência do poder dentro de um prazo de um ano. Assim, no dia 25 de Junho de 1975, Moçambique obteve finalmente a sua independência (independência que traz com ela um projeto de nação moderna de tipo ocidental, importado pela elite dirigente da FRELIMO, o movimento que irá conduzir o novo país).

---

<sup>15</sup> COUTO, 2005, p. 136

Da ideologia marxista-leninista da FRELIMO resultou que a recém-nascida nação se tornasse depois da independência uma base principal para os guerrilheiros da ZANU, o movimento nacionalista que lutava contra o regime branco da Rodésia do Sul. A FRELIMO apoiava também o ANC no seu combate contra o regime branco na África do Sul. Em consequência destes apoios, a Rodésia acolheu e fomentou um movimento de guerrilha, a MNR/RENAMO, que também era apoiado pelo regime de Apartheid da África do Sul. A adesão de partes da população à Renamo virá transformar esta agressão externa contra a elite da FRELIMO num conflito interno e numa guerra civil que duraram 16 anos, fazendo de Moçambique um dos países mais pobres do mundo. Esta adesão resultou da incompreensão do modelo político de cidadania da FRELIMO: a urbanização das aldeias não foi percebida pelas pessoas que continuavam na maioria a viver de modo tradicional; o modelo do Homem Novo trouxe mais exclusões que uma construção de uma comunidade consolidada. A assinatura do acordo de paz, em 1992, entre o governo da FRELIMO e os líderes da RENAMO significou o fim da guerra civil e a entrada de Moçambique num sistema pluripartidário.

Por fim, “Depois da guerra de Independência e dos anos de guerrilha, Moçambique vive um momento de reestruturação social e de reorganização das forças políticas”<sup>16</sup>. Porém, mesmo em tempo pós-guerra, inimigos podem estar no seio da própria sociedade, o opressor nem sempre vem de fora, como diz o feiticeiro Zeca Andorinho ao italiano Massimo Risi:

Falo assim dos nossos actuais chefes. Não devia falar, ainda por cima consigo, um estrangeiro de fora. Ainda assim, falo. Porque esses chefes deviam ser grandes como árvore que dá sombra. Mas têm mais raiz que folha. Tiram muito e dão pouco. Veja esse malfadado do enteado do administrador. Eu lhe encomendei um mau destino: o moço vai morrer de tanta riqueza apressada.<sup>17</sup>

Percebe-se que a relação colonizador/colonizado, explorador/explorado é uma relação de força e é esta relação que reencontramos freqüentemente nas formas de representação depois da independência. A razão parece ser as condições sociais que não diferem muito das do passado quando uma minoria se aproveita da maioria, como se pode verificar no terceiro e último escrito do administrador estrangeiro Estevão Jonas ao seu superior, quando esse descreve o sonho que teve:

---

16 COUTO, 2005: quarta capa.

17 COUTO, 2005, p. 153.

*Noutro dia até tive um sonho. Nós fazíamos as cerimónias chamado os nossos heróis do passado. Vieram o Tzinguine, o Madiduane e os outros que combateram os colonos. Sentámos com eles e lhes pedimos para colocar ordem no mundo nosso de hoje. Que expulsassem os novos colonos que tanto sofrimento provocavam na nossa gente. Nessa mesma noite acordei com Tzinguine e o Madiduane me sacudindo e me ordenando que me levantasse.*

- Que estão fazendo, meus heróis?
- Você não pediu que expulsássemos os opressores?
- Sim, pedi.
- Pois então estamos expulsando a si.
- A mim!?

A si e aos outros que abusam do Poder. <sup>18</sup>

Esse administrador se afasta do seu próprio povo e, com isso, os espíritos ancestrais (que segundo a crença africana tem o poder de voltar ao mundo dos vivos para punir, advertir ou aconselhar) não se mostram satisfeitos. Veja -se a maneira como o próprio administrador se descreve no seu segundo escrito ao seu superior:

O povo fala sem nenhuma licença, zunzundo sobre as explosões. E dizem que a terra está para arder, por causa e culpa dos governantes que não respeitam as tradições, não cerimoniam os antepassados. Eles falam assim, citado e recitado. Que posso fazer? São pretos, sim, como eu. Contudo, não são da minha raça. Desculpe, Excelência, pode ser eu seja um racista étnico. Aceito. Mas esta gente não me comparece. Às vezes, até me pesam por vergonha que tenho neles. <sup>19</sup>

A possibilidade de poder aplicar um modelo explorador/explorado aparentemente tem a ver com uma crítica social que alude ao fato de uma parte da sociedade moçambicana deter atualmente um lugar semelhante ao dos anteriores colonos.

No desfecho da narração, a investigação dos rebentamentos conduz à descoberta de que é o próprio administrador de Tizangara quem manda ressemeiar as minas depois da desminagem, para poder usufruir o dinheiro trazido pela ajuda internacional depois do conflito interno entre FRELIMO e RENAMO. Um comportamento que parece ser antes a regra que a exceção dentro da classe de dirigentes do pós-

---

<sup>18</sup> COUTO, 2005, p. 168-169.

<sup>19</sup> COUTO, 2005, p. 95.

guerra, colocando-os na mesma dinâmica dos ex-colonizadores, como mostra um olhar no primeiro escrito do administrador Estevão Jonas ao seu superior:

Porém, com os donativos da comunidade internacional, as coisas tinham mudado. Agora, a situação era muito contrária. (...) Lembro-me bem as suas palavras, Excelência: a nossa miséria está render bem. Para viver num país de pedintes, é preciso arregaçar as feridas, colocar à mostra os ossos salientes dos meninos. (...) Essa é a actual pa lavra de ordem: juntar os destroços, facilitar a visão do desastre. Estrangeiro de fora ou da capital deve poder apreciar toda aquela coitadeza sem despender grandes suores .<sup>20</sup>

Portanto, percebe-se que nessa obra de Mia Couto há uma crítica àqueles dirigentes, governantes que mantêm a tradição da exploração. Neste sentido, consideramos o romance uma crítica à sociedade contemporânea moçambicana, na qual se tenta ir ao fundo dos mecanismos que regulam a cidadania nacional. Também, comprova-se, como diz Candido, que o externo (no caso o histórico) “importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto interno”<sup>21</sup>.

### **3. Vôo aos elementos estruturais da narrativa**

Esse vôo nos leva a forma da narrativa. Ao tratar de um tema tão real como a guerra, Mia o transforma em algo mágico. Observa-se um quê de realismo mágico em sua obra. Partindo de uma situação grave, mas contada num tom que parece farsesco, com personagens fascinantes, que pouco a pouco vão adquirindo dimensões insuspeitas e invadindo um universo mágico digno de um García Márquez, a trama, com clareza e força irremediáveis, atinge “alta voltagem poética”.

Estamos em uma imaginária Tizangara, cercada por um mistério, corpos de soldados das Nações Unidas em missão de paz no local que começam, subitamente, a explodir. Um oficial das Nações Unidas, o italiano Massimo Risi, é destacado para investigar o caso. Tudo é narrado pelo tradutor destacado pelos poderes oficiais da vila para acompanhar o italiano.

---

20 COUTO, 2005, p. 75.

21 CANDIDO, 2002, p. 6.

A obra tem início com um prefácio de teor confessional, memorialista, que tem a função de aguçar a curiosidade do leitor, de localizar a ação no tempo: “*Estávamos nos primeiros anos do pós-guerra (...)*”; no espaço: “*(...) eu era tradutor ao serviço da administração de Tizangara (...)*”; de apresentar o narrador – um tradutor que assistiu a tudo e que sentiu necessidade de transcrever os fatos para o papel: “*Fui eu que transcrevi, em português visível, as falas que daqui se seguem*”.

Assim, o que marca o principiar da narrativa é uma explicação do narrador em relação à escrita. Esse tradutor acumula, dentro da narrativa, as funções de narrador e personagem, e, no prefácio, assume uma temporalidade posterior à da história narrada, desempenhando o papel de pseudo-autor e, ao adotar a primeira pessoa, confessa: “*Agora, vos conto tudo por ordem da minha única vontade. É que preciso livrar -me destas minhas lembranças como o assassino se livra do corpo da vítima*”<sup>22</sup>.

Após o prefácio, a narrativa se desenvolve inserida em 21 capítulos iniciados cada um por uma epígrafe, provérbios que refletem a sabedoria popular e assumem a função de introdução em relação ao que é narrado.

Os primeiros cinco capítulos constituem uma introdução à ação, e explicitam a relação entre as personagens e começam a antever as críticas centrais do romance, sobretudo, a crítica ao abuso de poder exercido pelos governantes, agora africanos, preocupados exclusivamente em satisfazer os seus próprios interesses, não valorizando a tradição local, antes ingressando no liberalismo econômico e vendendo o país ao estrangeiro.

A partir do capítulo sexto, os testemunhos e depoimentos dos envolvidos no caso dos soldados explodidos são o centro da história. O administrador, Ana De usqueira, Chupanga, o padre Muhando, o velho Sulpício, o feiticeiro Zeca Andorinho e o próprio tradutor revelam o que sabem sobre os crimes e “direcionam” o inspetor da O.N.U. para a “verdade”.

Com este tipo de estrutura, compreendemos, à primeira vista, que essa narrativa se desenvolve segundo as características do romance policial, pois “apresenta um crime, um delito, e alguém disposto a desvendá-lo”.<sup>23</sup>

---

22 COUTO, 2005, p. 9.

23 REIMÃO, 1983, p. 8.

No entanto, Mia Couto escreve *O último voo do flamingo* em busca de “novas luzes”. Assim pratica uma literatura “reacionária”, pois o romance veste a capa da narrativa policial do século XIX, mas desconstrói o próprio subgênero. Como diz Secco,

Os ‘falsos romances policiais’ contemporâneos se afastam dos textos de suspense e enigma, à Sherlock Holmes. Efe tuam uma carnavalização do gênero, que visa, com irônico humor, a assinalar a dispersão e a banalização de crimes e detetives em tempos neoliberais, onde, em muitos países, a corrupção é generalizada e instituída por poderes paralelos e, até mesmo, centrais<sup>24</sup>.

Já que uma narrativa contemporânea é exatamente aquela que deseja provocar uma “nuvem de discursos críticos sobre si”, a partir do discurso de Secco, percebemos que *O último Vôo do Flamingo* é um “romance policial às avessas”. Visto que predomina o registro fantástico, o que é incompatível com as clássicas narrativas de enigmas, onde devem predominar a razão e a lógica. Também porque o narrador da história não é um amigo do investigador, conforme costuma ocorrer em romances policiais tradicionais. Interessante também que os depoimentos das personagens, ao invés de esclarecer o detetive, o confundem ainda mais; até o próprio tradutor vai despistando e embaralhando o investigador de tal modo que a narrativa se revela antipolicial. Ainda, por fim, descobre-se que o próprio administrador da vila é o responsável pelo crime mostrando que a corrupção é instituída por poderes centrais.

Se a ação do romance se desenvolve em redor da explosão de soldados das Nações Unidas, da investigação, como é que podemos explicar o título da obra? De que forma é que os flamingos assumem um lugar tão importante?

Estas aves são mencionadas por duas personagens da história, precisamente o pai e a mãe do tradutor-narrador. No entanto, enquanto que o pai vive episódios dolorosos da sua infância com os flamingos, sendo obrigado a caçá-los e a comê-los, eles pertencem ao imaginário da mãe que, no final da tarde, assistia ao vôo desses pássaros, religiosamente, como se fosse um momento sagrado e cantava para que eles voltassem no dia seguinte. O narrador recorda esses instantes: “para ela, os flamingos

---

24 SECCO, 2003, p. 126.

eram eles que empurravam o sol para que o dia chegasse ao outro lado do mundo”<sup>25</sup>. De fato, a simbologia inerente aos flamingos é fundamental em toda a obra.

A lenda do flamingo tinha acontecido num lugar onde não existia noite e era sempre dia, até ao momento em que o flamingo resolve fazer o seu último vôo para fora daquele mundo. Ele queria dirigir-se às estrelas: “Querida ir onde não há sombra, nem mapa. Lá onde tudo é luz. Mas nunca chega a ser dia”<sup>26</sup>. O pássaro queria conhecer a noite e embelezou-se para estar à altura daquele derradeiro vôo. Quando alcançou os céus, parecia a própria luz a voar e conseguiu espalhar as suas cores no horizonte. Transformou o azul em rosa, roxo e lilás: “Nascia, assim, o primeiro poente”.<sup>27</sup>

O conhecimento dessa crença permite-nos intuir que o flamingo simboliza um novo começo, a novidade. O próprio narrador da obra busca o novo, o inédito: “*Que eu tenha mentido, isso não aceito. Mas o que passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram*”<sup>28</sup>. Segundo Nunes: “Mia nos lega uma novidade e surpresa nas suas obras [...] Seja ela designada como criação, recriação ou mesmo ‘brinciação’ [...] o certo é que cativa, chama atenção do leitor”<sup>29</sup>. Conclui-se então que a narrativa coutiana traz a novidade, contudo adverte Perrone-Moisés: “o conceito de novidade não é uma total novidade”<sup>30</sup>. Assim Mia não rompe totalmente com a tradição, apenas *veste sua obra de uma nova roupagem*.

No desfecho da obra, Tizangara, metonímia de Moçambique, desaparece; é uma nação comida pela terra e lançada no abismo pelos antepassados que não viam solução para os seus males. Restando apenas o tradutor -narrador e o italiano Massimo Risi à beira do abismo, estes resolvem, por fim, sen tar e esperar por outro flamingo.

Mia Couto soube criar o suspense para que passemos toda a narrativa a descobrir a causa das explosões dos soldados. Ao cabo – como diria Couto – importa mais conhecer o destino de um país que desaparece inteiramente. Apesar da crítica irônica e contundente empreendida em relação a atual Moçambique, apresenta-se o desenlace em aberto, ouviu-se o “canto que traz de volta os flamingos”, insinuando, nas

---

25 COUTO, 2005, p. 47.

26 COUTO, 2005, p. 113

27 COUTO, 2005, p. 115.

28 COUTO, 2005p. 9.

29 NUNES, 2006, p. 2.

30 PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 171.

entrelinhas textuais, que nem tudo está definitivamente perdido: pode -se reinvestir “na palavra o mágico reinício de tudo”!

### **Considerações finais**

Finalmente, ao término dos nossos vãos, redimensionamos o nosso pouso sobre Moçambique, um dos países mais pobres do mundo, recém -saído de três décadas de guerra civil fratricida, que matou aproximadamente 16 milhões de pessoas nesse período. Percebemos que o olhar de Mia Couto é um olhar assumidamente político e o seu “despudor” em se “deixar, quieto, sentado, na espera de um outro tempo”, até que se escutou a canção de sua mãe, “essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o sol do outro lado do mundo”, faz dele um homem de quem se deve escutar as histórias que conta, até porque ele é um escritor que “nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, como diz Belon ao explicitar os contemporâneos<sup>31</sup>.

### **REFERÊNCIAS:**

BELON, A. R. Por que ler os contemporâneos. In: *Ave palavra: Revista de Letras*. Campus de Alto Araguaia – UNEMAT – MT, p. 36-47, nº06, 2006.

BELON, A. R. Clássicos e Contemporâneos em Hexálogo. In: *Revista Guavira*, RGL, n. 2, p. 5-11, dez. 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2002.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva [et al.] 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FARIA, Joana Daniela Martins Vilaça de. *Mia Couto – Luandino Vieira: Uma Leitura Em Travessia Pela Escrita Criativa Ao Serviço Das Identidades*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa. Universidade do Minho, 2005.

Disponível

em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3467/2/Rosto,+índice.pdf>. Acesso em: 25/10/2006.

KONDER, Leandro. *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista*. São Paulo: Boitempo, 2006.

NUNES, A. M. B. A (re)utilização da Prefixação em Mia Couto. Disponível em: [http://www.ii.ua.pt/cidlc/gcl/files/publicacoes/20RUAL\\_2003.pdf](http://www.ii.ua.pt/cidlc/gcl/files/publicacoes/20RUAL_2003.pdf). Acesso em: 20/08/2006.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução recepção de Quarto de despejo*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REIMÃO, Sandra Lúcia. *O que é romance Policial*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. “Entre crimes, detetives e mistérios... (Pepetela e Mia Couto – Riso, Melancolia e o Desvendamento da História pela Ficção)”. In: *A magia das letras africanas*. RJ: Graphi, 2003, p. 124-135.